

# **FOCALIZANDO A PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA PRATICADA EM SALA DE AULA**

## ***FOCUSSING THE UNIVERSITY TEACHING IN CLASSROOM***

**Mestrandos em Educação - PUC-Campinas<sup>1</sup>**

---

**VEIGA, Ilma Passos Alencastro e CASTANHO, Maria Eugênia**  
(orgs.). *Pedagogia universitária - a aula em foco*. 1. ed. Campinas,  
SP: Papyrus Editora, 2000. 248 p.

---

O livro *Pedagogia Universitária - A Aula em Foco* - de vários autores, preocupa-se em discutir a aula no ensino superior dentro do contexto que a mais recente literatura da área trata como mudança paradigmática, e o faz por meio de quatro eixos básicos. O primeiro deles trata da universidade de um modo geral, apresentando um texto de Sérgio Castanho, professor de História da Educação na Unicamp, contido no capítulo 1. Com o título "A Universidade entre o sim, o não e o talvez", Castanho fala do aparecer histórico das universidades no período medieval, das suas mudanças através dos tempos, dos modelos que prevaleceram institucionalmente, da universidade no Brasil contemporâneo com seus limites e desafios. Ao longo dos anos, segundo Castanho, a universidade sempre se encontrou em confronto com sua área de extensão social. Quando pretendeu ser o refúgio do saber precisou dizer não aos poderes que queriam destruí-la; ao sentir-se temerária ou assediada diante de tais poderes, brindou-os com um sim; e na complexidade e no tumulto das circunstâncias em que já não mais sabia o que viria a ser, rendeu-se ao talvez, caminhando para o novo milênio sentindo-se desconfortável.

---

<sup>(1)</sup> Carlos Alberto Baccaglioni, Irene Rio Stéfani, Jaqueline da Silva Aguiar, Mário Martins Rios, Sílvia Ester Orru, Sônia Siquelli Monaco e Rafisa Roberta de Sousa.



**Resenha**

O eixo seguinte trata dos princípios metodológicos da aula. No capítulo 2, J. F. Regis de Moraes, professor titular da Puc-Campinas, analisa a criticidade como “fundamento do humano”, mostrando que no Brasil, alguns intelectuais puseram em circulação esse conceito. Porém, em contrapartida, tal conceito não foi bem compreendido por alguns, o que o transformou num labirinto de equívocos. O texto aborda a origem moderna desse conceito; o benefício da criticidade em contraposição a um furor crítico estéril; alguns dos principais caminhos para a criticidade e a humildade para exercitá-la; e finaliza analisando o exercício crítico na sala de aula.

O ensaio subsequente enfoca a criatividade, escrito por Maria Eugênia Castanho, professora da Faculdade de Educação da PUC-Campinas e uma das organizadoras do livro. Partindo da análise de relatos de professores que tenham marcado a trajetória escolar de diversos alunos, positiva ou negativamente, a autora encontrou alguns princípios inerentes à prática pedagógica dos bons professores: criticidade, criatividade, intencionalidade e indissociabilidade ensino-pesquisa. Os depoimentos revelam que os professores citados ministram ensino de qualidade, porém, sem inovações significativas nas formas de ensinar e aprender. A autora aponta ainda algumas características a serem desenvolvidas no processo educativo por quem quer ser uma pessoa criativa: a sensibilidade diante do mundo, a fluência e mobilidade do pensamento, a originalidade pessoal, a atitude para transformar as coisas, o espírito de análise e síntese e a capacidade de organização coerente.

No texto seguinte, José Carlos de Souza Araújo, professor da Universidade Federal de Uberlândia, reflete a respeito das intencionalidades e objetivos de que se reveste a educação superior no Brasil. Na primeira parte aborda as intencionalidades contidas na nova LDB e na outra, procura um elo entre essas

intencões e a prática do ensino e da pesquisa concretizadas na sala de aula. O autor critica a preocupação atual com a metodologia em sala de aula, em detrimento da explicitação das relações de coerência entre as intencionalidades da educação nacional, os objetivos do ensino superior e as instâncias pedagógicas, o que a seu ver, contribuiria para a construção do homem e de sua sociabilidade. Como forma de superação, sugere o desafio de desenvolver o conteúdo com contornos sociais, de modo a sobressair a responsabilidade do professor, sem perder o elo com a sociedade.

No capítulo 5, Newton Cesar Balzan, professor colaborador da Unicamp e titular da Puc-Campinas, apresenta o princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa, entretanto afirma que o tema já foi muito discutido, tratando-se agora de apresentar referenciais para um trabalho efetivo. Balzan acredita ser possível, excepcionalmente, atingir um ensino de boa qualidade sem pesquisa, porém, somente quando o docente é dotado de capacidade de comunicar-se com seus alunos. Ele afirma ainda que a pesquisa pode até atrapalhar o ensino quando o docente a prioriza em detrimento de suas atividades didáticas. Para o autor, o professor universitário não precisa ser, necessariamente, um pesquisador, pois há os que gostam de ensinar e, portanto, devem ser consumidores de pesquisa. Balzan analisa dois casos que apontam para o ensino-pesquisa como procedimento metodológico. No primeiro, os projetos constituem o núcleo da disciplina, deles decorrendo o conteúdo. Trabalha-se com a dúvida, com o questionamento e o processo é dinâmico. No segundo exemplo, a dúvida não é valorizada, as provas são obrigatórias e o ensino é mais linear. Porém, em ambos os relatos há um ponto comum: professores e alunos procuram soluções para problemas extraídos da realidade e estão atentos a questões de ordem sócio-cultural. O autor conclui questionando se não seria esse o tipo de trabalho que deveria nortear o ensino universitário onde *“no lugar de aulas, são criadas situações em*

*que professores e alunos trabalham na busca de soluções para problemas científicos extraídos da realidade”.*

O terceiro eixo é formado por quatro textos e aborda a dinâmica da sala de aula propriamente dita. No primeiro deles, a doutora em Educação Ana Lúcia Amaral relata as grandes possibilidades para a aula, se bem desenvolvida. Também destaca duas experiências interdisciplinares e reflete sobre as perspectivas do trabalho interdisciplinar no ensino superior. Para a autora, o campo da pedagogia é, por natureza, interdisciplinar pois “seu corpo teórico é constituído de saberes construídos por outras ciências que se debruçam sobre o fenômeno da educação e por suas próprias investigações”.

No capítulo escrito por Maria de Lourdes Rocha de Lima, professora da Faculdade de Educação da UFMG, a análise se dá na construção criativa e criadora da prática pedagógica do docente universitário em sala de aula, como um projeto de múltiplas relações dialógicas com o aluno, com o mundo e com o trabalho, com base no eixo ensinar-pesquisando e pesquisar-ensinando como centro da atividade do professor. A autora propõe a aula como prática docente e como pesquisa para a formação da cidadania e dos princípios da interpretação hermenêutica, permitindo três momentos para atingir a proposta metodológica: a contextualização do problema a ser estudado; a reconstituição da prática pedagógica para identificar novos caminhos e novos sentidos e significados para a prática reconstituída.

“Aula universitária e inovação” é o título do capítulo, escrito por Ilma Passos Alencastro Veiga, Lúcia Maria Gonçalves de Resende e Marília Fonseca, que constata a necessidade de adoção de novas práticas educacionais compatíveis com a realidade existente hoje nas relações entre pessoas e países. As autoras identificam campos de possibilidades de ação para responder de maneira adequada ao paradigma da ciência emergente, associando-os

à aplicação de conhecimentos do senso comum à prática pedagógica. Estes campos de possibilidades não se referem a aplicações conscientes da teoria pedagógica, mas apenas resultam de reflexões sobre a prática cotidiana e da intenção de procurarcaminhos alternativos, sem, no entanto, contar com a contribuição das teorias pedagógicas existentes. Este não uso das teorias pedagógicas no desenvolvimento das aulas é considerado pelas autoras prejudicial ao trabalho docente, impedindo um melhor aproveitamento do potencial dos professores para construir propostas afinadas com as novas exigências feitas aos cursos superiores.

Na sequência, a autora argentina Edith Litwin, docente da Universidade de Buenos Aires, apresenta um texto em que busca fazer um levantamento das possibilidades existentes de construção e desenvolvimento de uma aula reflexiva, entendendo-se como tal aquela que “cria nos contextos de prática as condições para um pensamento crítico e reflexivo”. A grande virtude do trabalho é estabelecer um vínculo entre a prática docente e a teoria pedagógica, partindo da insuficiência das dimensões de análise adotadas até então, e apontando, a partir das novas dimensões propostas, para a construção de uma prática pedagógica que se sustenta na aprendizagem, na comunicação adequada e na ética.

Dois textos compõem o quarto eixo e encerram o livro. O primeiro, de autoria de Dulce Maria Pompêo de Camargo, professora da Puc-Campinas, reflete sobre a construção social do conhecimento escolar como forma de questionar o mito da fronteira estabelecida entre ciência e cultura, especialmente no meio acadêmico. Segundo a autora, o papel da escola é de suma importância no processo de redescoberta da memória cultural individual e coletiva dos alunos. As ações pedagógicas devem ter o compromisso de redescobrir e valorizar as experiências por eles vivenciadas, numa perspectiva interdisciplinar, que é uma urgente imposição para a formação do homem. Entretanto, não basta apresentar práticas

diferenciadas se estas não forem acompanhadas da necessária reflexão geradora de saber e expressão intelectual.

Finalmente, no capítulo 11, Mara Regina Lemes De Sordi, professora da PUC-Campinas e Unicamp, reflete acerca da avaliação que se pratica na universidade. Tal reflexão implica colocar em xeque os modelos de formação vigentes que apontam para determinadas concepções de qualidade de ensino que não atendem ao projeto de formação pessoal e profissional necessário e comprometido com a emancipação dos sujeitos envolvidos. De Sordi

defende uma avaliação cidadã para o ensino universitário, e reconhece que para isso é fundamental a revisão dos princípios pedagógicos que regem os instrumentos avaliatórios, estabelecendo reflexão sobre seu impacto nas competências dos egressos e as decorrências no mundo do trabalho.

A obra em questão procura dar ao leitor uma visão panorâmica bastante atual da pedagogia praticada no ensino superior de hoje, sendo de inestimável valor, tanto pela trajetória profissional de seus autores, como pela diversidade de experiências relatadas.